

Sumário





10 LINHA DO TEMPO

O museu completa 15 anos em constante transformação e capacitação técnica

19 SALA DAS MALAS

O projeto visa guardar a memória particular dos freis falecidos que ajudaram a construir a história da Província

30 EXPOSIÇÕES

Espaço recebeu mais de 20 mostras temporárias de artistas locais e nacionais







21 Salve um Livro

Obras raras estão sendo restauradas através de parcerias

28 Ações Educativas

Atividades aproximam a comunidade do museu e promovem o diálogo com diferentes públicos

33 Quem faz o museu

A conceituada equipe técnica que agrega valor às ações do museu

34 Voluntários

A dedicação e alegria dos que auxiliam na higienização, acondicionamento e catalogação dos acervos

EXPEDIENTE



Revista do Museu dos Capuchinhos da Província do Rio Grande do Sul

Editor

Moacir P. Molon - MTb 3781

Jornalista Responsável

Margô Segat - MTb 10064

Supervisão e colaboração

Frei Celso Bordignon, Mirella Honoratto e Susiele A. Ramos

Fotos

Acervo Museu dos Capuchinhos, João Carlos Romanini, Margô Segat e Moacir P. Molon

Diagramação

Marli Superti

Arte Capa

Original/branding+design

Impressão e Acabamento

Editora São Miguel

Tiragem

2.000 exemplares

É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo sem autorização prévia dos editores.



Museu dos Capuchinhos

Diretor

Frei Celso Bordignon

Coordenação

Mirella de Jesus Honorato (Museóloga)

Rua General Mallet, 189 B - Bairro Rio Branco 95097-000 Caxias do Sul - RS Telefone: (54) 3220.9565 www.capuchinhos.org.br/muscap coordenacao@muscap.com.br facebook.com/museucapuchinhos



Ministro Provincial

Frei Cleonir Paulo Dalbosco

Conselheiros Provinciais

Freis Nilmar Carlos Gatto (Vigário Provincial), Eudes Angelo Capellari, Miguel Debiasi e Luiz Sebastião Turra

Av. Alexandre Rizzo 534 C - Bairro Desvio Rizzo (54) 3220.3270 95110-000 – Caxias do Sul – RS ofmcaprs@ascap.org.br www.capuchinhosrs.org.br

EDITORIAL

Moacir P. Molon OFMCap

Instrumento para dialogar

Esta é a missão de *Le Musée*, que estreia nos 15 anos do Museu dos Capuchinhos da Província do Rio Grande do Sul. Embora jovem, o MusCap sente-se responsável pelos registros e conservação dos 120 anos da presença dos Capuchinhos em terras gaúchas. "O museu preserva o carisma, a espiritualidade e o ser Capuchinho", afirma o diretor frei Celso (p. 26). E a trajetória dos Capuchinhos no RS é a primeira das matérias disponibilizadas (pp. 5 a 11).

O nome *Le Musée* para a revista do MusCap inspira-se na origem francesa da fundação Capuchinha no Estado. Os frades da região da Savoia estão presentes nos acervos rapidamente descritos adiante (pp.15 a 22).

André Malraux diz que "os museus estão entre os locais que proporcionam a mais elevada ideia do homem". São instituições que funcionam como plataformas de diálogo a restau-

rar relações humanas, quais pontes entre tradição histórica e o futuro. Museu não é caminho para o passado, mas um lugar de possíveis diálogos entre passado, presente e futuro. Além disso, há uma função social a ser articulada, pois museu sem comunidade perde sua razão de existir.

Em seus poucos anos, o MusCap realizou exposições de vários níveis, projetos educativos, ações especiais do tipo "Salve um Livro" e atividades para integrar em suas ações a disponibilidade de seu sempre atuante corpo de voluntários (pp. 34 e 35).

O canal de comunicação que *Le Musée* se propõe ser propicie espaços de interação, troca de ideias e propostas que fortaleçam a própria missão que o Museu dos Capuchinhos tem junto à sua entidade mantenedora e junto à comunidade. Resulte, também, numa frutuosa relação com os demais museus da cidade, do Estado e do País. Boa leitura!



HISTÓRIA

Trajetória dos Capuchinhos no Rio Grande do Sul

No século XIX o Brasil vivia um momento de intensa imigração européia. Ao Rio Grande do Sul, entre 1875 e 1889, cerca de 60 mil italianos emigraram, vindos da região do Vêneto, na Itália. A Comissão de Colonização e Terras destinou aos imigrantes a região serrana, constituída das colônias de Conde d'Eu (Garibaldi), Princesa Isabel (Bento Gonçalves), Nova Vicenza (Farroupilha), Caxias do Sul (Campo dos Bugres), Alfredo Chaves (Veranópolis) e Antônio Prado, entre outras.

Após tentativa frustrada de trazer missionários capuchinhos, o bispo do Rio Grande do Sul, D. Cláudio Ponce de Leão escreveu diretamente ao Papa Leão XIII para solicitar que os imigrantes italianos fossem socorridos espiritualmente.

No dia 05 de dezembro de 1895 dois cultos e dinâmicos frades franceses, da Província de Savoia, da França, frei Bruno de Gillonnay e frei Leão de Montsapey, acompanhados pelo ministro provincial, frei Rafael de La Roche, embarcaram rumo ao Sul do Brasil. Na primeira semana de janeiro de 1896, chegaram a Porto Alegre e foram recebidos de braços abertos por D. Cláudio e convidados a assumir a igreja de Nossa Senhora das Dores.

A opção dos Capuchinhos, no

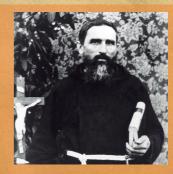


GARIBALDI, EM 1910

À direita, convento dos Capuchinhos (prédio de três andares mais ao alto, acima da igreja e da prefeitura)



entanto, foi Conde d'Eu, onde poderiam implantar um novo projeto missionário junto aos imigrantes italianos. No primeiro dia, viajaram por via fluvial até Montenegro e, no dia seguinte, prosseguiram em uma carroça até à sede da Colônia Conde d'Eu, onde chegaram pela tardinha do dia 18 de janeiro de 1896, data que marca a fundação da Missão dos Capuchinhos no Rio Grande do Sul. Frei Rafael depois de visitar algumas comunidades do interior da Colônia, voltou a Porto Alegre e acertou com o bispo as condições da fundação canônica da missão, regressando definitivamente para Savoia.



A atuação Capuchinha no Rio Grande do Sul, foi alicerçada por frei Bruno de Gillonnay, em cinco direções:

- Missões populares;
- Pastoral paroquial;
- Escolas vocacionais;
- Ensino para os filhos dos imigrantes;
- Imprensa

HISTÓRIA

Primeira fase (1896 a 1898)

Na pregação das missões frei Bruno de Gillonnay sequiu o mesmo método aplicado na Província da Savoia. Acompanhado do frei Leão de Montsapey, iniciou uma série de pregações catequéticas nas capelas da Paróquia São Pedro, de Conde d'Eu (Garibaldi). Os dois eram absorvidos pelas pregações, confissões e visitas aos doentes. Eles chegavam aos locais a pé ou em montarias emprestadas. Depois de percorrerem todo o território do interior da Colônia Conde d'Eu, os dois missionários partiram para a Colônia Princesa Isabel (Bento Gonçalves) e para a Colônia de Caxias (Campo dos Bugres).

Como o trabalho era intenso e não podiam contar naquele momento com a vinda de outros frades franceses, frei Bruno de Gillonnay planejou fundar uma Escola Seráfica, a fim de garantir o futuro da missão. No prédio doado pela Diocese mandou construir um barração de madeira, destinado para servir de dormitório e de área coberta. Enquanto isso tratou de recrutar candidatos à vida religiosa e sacerdotal. Tempos depois outros três freis franceses chegaram a Conde d'Eu. A Escola Seráfica foi inaugurada em 1898, com 14 candidatos à vida religiosa. Depois de aberta, frei Bruno providenciou a fundação do convento do Noviciado, em Nova Trento (Flores da Cunha).

Segunda fase (1898 a 1902)

O clima ameno destas terras fez com que frei Bruno convencesse a Província a transferir, do Líbano para o Rio Grande do Sul, em 1898, os cursos de Filosofia e Teologia. Para que isso fosse possível construiu mais um andar na casa de Conde d'Eu para receber os estudantes e professores. Neste mesmo ano atendendo aos apelos frei de Bruno, chegaram na Colônia de Conde d'Eu quatro religiosas da Congregação das Irmãs São José de Moûtiers para a Missão do Rio Grande do Sul, dedicando-se ao apostolado da catequese e do magistério.



Terceira fase (1902 a 1911)

No dia 08 de agosto de 1902, chegou a notícia de que a Missão do Rio Grande do Sul havia sido elevada a Comissariado Provincial, sendo nomeado frei Bruno para o cargo de comissário provincial, exercido até 1910. Neste período o acontecimento mais notável foi o Comissariado ter assumido a direção do Seminário Diocesano de Porto Alegre, cujo contrato foi assinado em 1903 com validade para 10 anos. Após, os Capuchinhos assumiram, em Porto Alegre, a freguesia de Santo Antônio do Partenon.

Animado pelo trabalho pastoral, frei Bruno não limitou a atuação somente entre os imigrantes italianos e decidiu estender sua ação missionária até os campos de Vacaria, povoados por luso-brasileiros. Em 1903, o bispo confiou aos Capuchinhos toda a vasta região dos municípios

de Vacaria e Lagoa Vermelha. No mesmo ano, também Nova Trento (Flores da Cunha) passou a contar com o trabalho pastoral dos Capuchinhos, sendo que um ano antes, já haviam assumido a Colônia Alfredo Chaves (Veranópolis).

Em 1911, assumem Sananduva (com a catequese para os índios) e Lagoa Vermelha (onde já davam atendimento espiritual desde 1908). Em 1914 aceitaram a direção da freguesia de Jaguari; e, em 1918, incumbiram-se da vasta paróquia de Erechim (Getúlio Vargas). O futuro comprovou que foi uma sábia decisão de frei Bruno de Gillonnay aceitar o ministério paroquial. Graças ao trabalho dos Capuchinhos, em todas as paróquias que atuaram houve o fortalecimento da vida cristã das comunidades e surgiram numerosas vocações religiosas.

Região de Cacique Doble, destino prioritário da ação missionária dos primeiros Capuchinhos (foto de 1905)



Em companhia dos confrades franceses nas primeiras incursões na região de Vacaria, no início dos anos 1900

I F MUSÉF



Porto Alegre

Quarta fase (1911 a 1924)

Nesta fase de sua história, o Comissariado Provincial lançou-se no projeto da imprensa, assumindo a publicação do semanário La Staffetta Riograndense. Fundado, em 1909, em Caxias do Sul, era publicado em língua italiana com o nome de La Libertà. Com pouco tempo de vida e ameaçado de fechar, o semanário foi adquirido pelo pároco de Garibaldi, para onde transferiu a tipografia e a redação, trocando o nome para Il Colono Italiano. Em 1917, frei Bruno de Gillonnay, adquiriu a tipografia e redação, dando-lhe novo título de La Staffetta Riograndense. Em 1941 com a proibição dos jornais em língua estrangeira, o semanário começou a ser publicado em português, com o título de Correio Riograndense. Em 1952 foi novamente transferido de Garibaldi para Caxias do Sul.

Quinta fase (1924 a 1942)

Em 1924, por questões administrativas foram devolvidas para Santa Maria as paróquias de Erechim e Lagoa Vermelha. Frei Bruno de Gillonnay, após quase 30 anos de fecundo serviço à Igreja e à Ordem no Rio Grande do Sul, retornou para a Savoia. O cargo de comissário provincial, foi assumido pela primeira vez por um brasileiro, frei José de Bento Goncalves. Entre as obras realizadas neste período, destaca-se a aquisição, em Caxias do Sul, em 1938, de um lote urbano, para a construção da sede da Custódia Provincial e da futura Cúria Provincial. A condição para entrar em Caxias do Sul foi assumir a direção do Seminário Diocesano N. Sra. Aparecida, onde os freis permaneceram por 10 anos. A criação, em 1934, da Prelazia de Vacaria (elevada a Diocese em 1957), desmembrada da Diocese de Porto Alegre, abrangia sete paróquias: Vacaria, Bom Jesus, Lagoa Vermelha, Sananduva, Paim Filho, Cacique Doblê e Vila Ipê (Ipê). Ano a ano aumentava o número de ordenações sacerdotais e os Capuchinhos chegaram a administrar também as seguintes paróquias: Marau, Soledade, Itapuca, Ipê, Segredo, Fragata e N. Sra. da Luz (Pelotas), Santa Vitória do Palmar, São José do Norte, Bagé, São João da Urtiga, Maximiliano de Almeida, Esmeralda, Bom Jesus, Machadinho, São Judas Tadeu (Porto Alegre), São Francisco de Assis e São Vicente do Sul.

HISTÓRIA



Casa e fardim ...
Caphichinhos Partenon...
1920

PARTENON, 1920 Primeira instalação em Porto Alegre

VERANÓPOLIS, 1947 Celebração do cinquentenário da chegada dos Capuchinhos ao RS

Criação da Província do RS

Gradativamente o terreno era preparado para que a Custódia fosse elevada a Província. Um relatório produzido para justificar a demanda registrava que os Capuchinhos mantinham: seis conventos regulares – Garibaldi, Flores da Cunha, Veranópolis, Partenon (Porto Alegre), Marau e Vila Ipê (Ipê); noviciado em Flores da Cunha; casa residencial em Caxias do Sul (sede da Custódia), dois seminários seráficos – Veranópolis e Vila Ipê com 180 seminaristas; e quatro capelanias.

E também a direção do Seminário Diocesano de Caxias do Sul; jornal semanário Correio Riograndense; 84 sacerdotes, entre eles 09 franceses; 27 clérigos teólogos e 26 filósofos; 13 clérigos noviços; 17 irmãos religiosos professos; cinco irmãos noviços; a Prelazia de Vacaria e equipe de missionários, somando 183 religiosos e 18 noviços.

A Segunda Guerra Mundial, iniciada em 1939, afastava o sonho de ter em solo brasileiro uma Província. Mas, em 24 de julho de 1942, apesar do mundo permanecer envolvido na guerra, foi decretada a criação da Província do Rio Grande do Sul.

Carisma, mística e missão do frade menor Capuchinho

Somos uma de Ordem de irmãos que seguem o carisma proposto por São Francisco de Assis. Vivemos em fraternidade como forma de testemunhar que no mundo todos são irmãos. Desempenhamos a missão em múltiplos campos, sempre atentos às necessidades mais urgentes, aos grupos mais desprotegidos da sociedade e às realidades de onde ninguém quer ir. Tornamos visível a nossa missão através da compaixão, acolhida, escuta, diálogo, solidariedade, promoção humana e anúncio do Evangelho.



FREIS E SEMINARISTAS
Por ocasião da visita do hoje
bem-aventurado Giovanni Scalabrini



FREI BRUNO DE GILLONNAY Chegada a Rio Grande em dezembro de 1895

120 anos de presença Capuchinha no Sul

O ano de 2016 marca os 120 anos da presença capuchinha no RS, quando, em 1896, da Savoia, na França, chegaram a Garibaldi frei Bruno de Gillonay e frei Leão Montsapey para iniciar o projeto missionário dos Capuchinhos no Sul do Brasil e auxiliar no atendimento aos imigrantes italianos.

Passados 120 anos de presença no RS, a atual ação dos Capuchinhos abrange missões populares, ações sociais (com mais de 20 projetos), pastoral paroquial e hospitalar, animação vocacional e escolas formativas, escola superior de teologia, museu, meios de comunicação (jornais, rádios em redes, sites e plataformas mobile), gráficas, centro de eventos e pousadas voltadas ao turismo e saúde. Em todos estes pontos estão presentes a marca da alegria franciscana, da simplicidade e disponibilidade para atender as carências da sociedade, testemunhando o carisma do fundador Francisco de Assis.

O entusiasmo missionário, no entanto, levou os Capuchinhos a atuar em outras regiões do país; fundaram a província do Brasil Central (Distrito Federal, Mato Grosso do Sul e Goiás), chegaram ao interior de São Paulo, e ao Mato Grosso e Rondônia. Ultrapassaram as fronteiras nacionais com atuação em Portugal, países da África, Nicarágua, República Dominicana, França e Haiti.

Fundada em 1942, a Província Sagrado Coração de Jesus - Capuchinhos do RS, é considerada a primeira província do hemisfério Sul e da América Latina e, hoje, está entre as cinco maiores do mundo. Atualmente, 250 freis respondem pela presença em ações pastorais e sociais no Rio Grande do Sul e Sul de Santa Catarina (181 membros); no Mato Grosso e Rondônia (outros 48); e no Haiti (mais 21 freis).

A Ordem dos Capuchinhos nasceu na Itália e está presente em 108 países. No Brasil, são organizados em 10 Províncias e duas Custódias, totalizando 1.100 frades. Na América Latina e Caribe contam com 30 Províncias, cinco Custódias e duas delegações.



O fundador

São Francisco de Assis fundou, no século XIII, a Ordem dos Frades Menores que, em sua estrutura, através dos tempos, sofreu reformas, culminando com a divisão atual da Primeira Ordem (masculina) em quatro ramos franciscanos com características e constituições próprias, mas com a mesma Regra, ditada pelo santo fundador: Ordem dos Frades Menores Observantes, Ordem dos Frades Menores Conventuais, Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e Terceira Ordem Regular (TOR).



SE A HISTÓRIA DE CAXIAS JÁ É LINDA NO PAPEL, IMAGINE **NA TELA DO** COMPUTADOR.

O Centro de Memória da Câmara de Vereadores reúne jornais, fotografias e muitos outros documentos históricos de Caxias do Sul digitalizados.

Acesse o site da Câmara, entre no Centro de Memória e descubra toda a beleza do nosso passado.

Acompanhe nossso trabalho e descubra outras formas de participar do Legislativo Caxiense:





🜎 www.camaracaxias.rs.gov.br 📅 Câmara Municipal de Caxias do Sul 💙 @camaracaxias





LINHA DO TEMPO

Museu dos Capuchinhos Memória e tempo

Em março, os estudantes de teologia Arlindo Itacir Battistel, Agemir Bavaresco, Wilson Dallagnol e Celso Bordignon, incentivados por frei Rovílio Costa, decidem, em Porto Alegre, iniciar um museu da Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul.

Abertura do livro de registro de acervos aconteceu no dia 25 de março. O termo de abertura denominou o museu com o seguinte nome: "Museu Antropológico-religioso Efrém de Bellevaux". No dia 30 de abril, o então ministro provincial Carlos Albino Zagonel enviou correspondência aos confrades da Província comunicando o início das atividades do museu e convidando a todos para colaborarem na coleta dos acervos das nossas Fraternidades.

Em maio inicia-se a coleta de acervos nas Fraternidades da Província.

1980

Até este ano, 777 peças já haviam sido coletadas e registradas no livro de registro do museu.

O acervo foi levado de Porto Alegre para Veranópolis no Seminário São José, lá permanecendo até seu deslocamento para Caxias do Sul. Durante todo o período que lá esteve não foi realizado nenhum trabalho de conservação e registro adequado devido à falta de pessoal competente. Muitos objetos foram dispersados, perdidos e entraram em processo de degradação.

1985



PROJETO

Fachada sul da Tipografia do Correio Riograndense, localizado na Rua General Mallet, Bairro Rio Branco, em Caxias do Sul

O museu foi aprovado oficialmente pelo XVI Capítulo Provincial passando a denominar-se Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul (MusCap). Ficou decidido que o museu teria como sede parte da edificação que abrigava a Editora São Miguel, no Bairro Rio Branco.

No ano seguinte, frei Celso Bordignon, após retornar de seus estudos na Europa, é designado para levar em frente o projeto e gradativamente inicia-se a transferência de parte do acervo para Caxias do Sul.

1993

Iniciaram-se as reformas da edificação adaptando os espaços às necessidades do museu. O projeto de adequação foi feito pelo arquiteto Jaime Boff a partir das necessidades apontadas por frei Celso Bordignon e com a colaboração do então diretor do Museu Municipal, o professor Juventino Dal Bó.

1998

2000

Em 06 de dezembro, o museu foi aberto ao público, com o objetivo de preservar e divulgar o carisma e a memória dos freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul. Nesta data foi também aberta a primeira exposição composta por 100 peças do acervo.

2010

Foi celebrada a data dos 10 anos de atividades do MusCap.



INAUGURAÇÃO Freis participam do corte da fita inaugural

2012

O Museu passou por uma reestruturação museológica, tendo como bases norteadoras o Plano Museológico e um Planejamento Plurianual de Atividades. Para isso foi criada uma equipe de profissionais com formação específica em diversas áreas de atuação, como a museologia, a história, a conservação e o restauro. O museu conta também com colaboradores externos, para atuação em projetos pontuais, das áreas de arquitetura, cenografia, jornalismo, educação e artes visuais.

2015

Neste ano, o museu recebeu diversos visitantes na exposição "Entre o Sol e a Lua: Traduções Iconográficas Franciscanas" e, atualmente, está em evidência "Livros, Tradição e Subversão". Os 15 anos serão comemorados com o lançamento da Revista *Le Musée*.



EXPOSIÇAO Livros, Tradição e Subversão

Edificação



MEADOS DOS ANOS 1950

Conjunto formado pelas instalações do Correio Riograndense e Tipografia São Miguel e pelo convento Imaculada Conceição, no bairro Rio Branco

Instalação histórica

Quando os Frades Menores Capuchinhos chegaram a Caxias do Sul, no dia 21 de junho de 1937, a pedido do bispo Dom José Barea, para trabalhar na formação dos seminaristas da Diocese, habitaram provisoriamente em uma casa alugada na Avenida Itália nº 16. Em 04 de outubro de 1938, iniciaram a construção do Convento da Imaculada Conceição na Vila Pistola, hoje bairro Rio Branco.

Em 1951 na esquina da rua General Sampaio com a General Mallet, próximo ao Convento dos Freis, iniciou-se a construção do prédio que abrigaria a gráfica e a tipografia do jornal Correio Riograndense.

No ano seguinte, mais precisamente em 1952, todo o aparato da Tipografia e a redação do jornal Correio Riograndense foram transferidos da cidade de Garibaldi para Caxias do Sul. A tipografia do Correio Riograndense recebeu o registro de Editora São Miguel em 23 de abril de 1952. Permaneceu no bairro Rio Branco até 1998, quando, com o jornal, foi transferido para o bairro Desvio Rizzo.

Características do prédio

"Ao se fazer uma análise da edificação, é possível evidenciar suas qualidades arquitetônicas e construtivas. Do ponto de vista compositivo, originalmente a edificação era formada por um volume prismático de três andares construído no limite do lote com marcação de esquina. Sua fachada é caracterizada pela projeção de marquises sobre a calçada onde existem os acessos, onde evidencia-se o uso de alguns conceitos modernistas sem perder as referências da arquitetura art-déco, presentes na marcação de linhas horizontais, simetria, ritmo das aberturas e a austeridade dos ornamentos. Em outras palavras, a linguagem arquitetônica da edificação é mais próxima de um protomoderno do que de um art-déco puro. Merece destaque a forte presença da grande janela vertical na fachada para a rua General Mallet (anteriormente rua Conceição), que unifica os três pavimentos".

(Texto de Dangle Marini, extraído do estudo Antiga Tipografia e Livraria "São Miguel": Correio Riograndense, de frei Celso Bordignon)

Atual estrutura

Em 1998, com a transferência do parque gráfico para uma nova edificação, parte do antigo prédio foi designada para abrigar o Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul. A partir desta definição, foram realizadas reformas e adaptações dos espaços necessários para acolher a diversidade de acervos que fazem parte da história dos freis Capuchinhos no Rio Grande do Sul.

O Museu possui área de 1.287,30m² distribuída em quatro pavimentos:

- térreo ou 1º pavimento: acesso principal, feito por escadaria interna, pela rua General Mallet, junto à fachada sul;
- 2º pavimento: circulações, sanitários, recepção, sala da coordenação, sala de exposições, secretaria, cozinha, arquivo fotográfico, arquivo documental, laboratório de restauro e ateliê de restauro;
- 3º pavimento: circulações, sanitários, reserva técnica, biblioteca especializada, biblioteca de obras raras e registro de acervos;
- sótão ou quarto pavimento: reserva técnica.



Espaços inteligentes e criativos

GRAFFITI

Fachada do MusCap mostra São Francisco na visão dos jovens do Projeto Desenhando Trajetórias



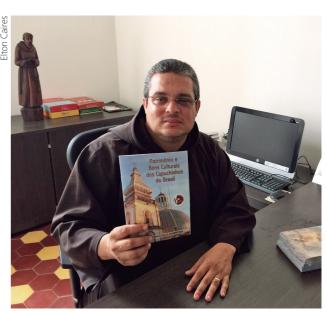
Preservação

Cartilha sobre Patrimônio e Bens Culturais

Recentemente foi lançada no Convento Nossa Senhora da Piedade, em Salvador (BA), a cartilha Patrimônio e Bens Culturais dos Capuchinhos do Brasil. Durante a Reunião Ordinária da Conferência dos Capuchinhos do Brasil - CCB, em maio de 2014, foi criada uma comissão para trabalhar as questões referentes aos bens culturais e patrimoniais. A Comissão para os Bens Culturais Patrimoniais do Capuchinhos do Brasil é constituída por cinco membros: como coordenador, frei Celso Bordignon (Província do Rio Grande do Sul), frei Ulisses Bandeira (Província da Bahia e Sergipe), frei Caetano de Jesus (Província de São Paulo), frei Cassiano Almeida (Província do Rio de Janeiro) e frei Rubens Gomes (Província do Brasil Central).

Na cartilha constam normas e diretrizes sobre a preservação e conservação dos acervos materiais ou imateriais. A publicação esclarece temas como: O que é Patrimônio?; Instâncias de Preservação do Patrimônio Cultural; Diretrizes regulatórias para a preservação do Patrimônio Sacro; Os Bens Culturais da OFMCap; Por que preservar?; Quem são os responsáveis dentro da Fraternidade?; Implantação de Arquivos, Bibliotecas, Museus, Memoriais e Centros Culturais". O conteúdo é ilustrado com imagens de conventos, seminários, igrejas e acervos Capuchinhos.

Para o presidente da CCB, frei Liomar Pereira da Silva, a cartilha cumpre o papel de informar o que é patrimônio e como preservá-lo. "Pois, patrimônio e bem é tudo aquilo que nos pertence. É a nossa herança do passado e o que construímos hoje. É obrigação preservar, transmitir e deixar todo esse legado, às gerações vindouras", ressalta.



FREI LIOMAR DA SILVA
Presidente da CCB, no lançamento
da cartilha sobre bens culturais,
em 18 de outubro de 2015, em
Salvador/BA

Comissão Diocesana de Arquitetura e Arte Sacra

A Diocese de Caxias do Sul, com o objetivo de auxiliar as comunidades na análise dos projetos de construção, reforma, conservação, restauração, ampliação, adequação e adaptação externa e interna das igrejas e seus anexos, instituiu em 2013 a Comissão Diocesana de Arquitetura e Arte Sacra — CDAAS. Nesta mesma época, a CNBB lançou o Documento 106 - Orientações para Projeto e

Construção de Igrejas e Disposição do Espaço Celebrativo.

A comissão é formada por um liturgista, seis arquitetos, dois profissionais da área da conservação e restauro, entre eles o diretor do Museu dos Capuchinhos, frei Celso Bordignon. Os projetos visam garantir unidade e fidelidade às normas requeridas pela própria Igreja para seus espaços de celebração e convivência.

A arquiteta e coordenadora da comissão, Denise Travi, percebeu a importância deste cuidado ainda em 2008 ao concluir uma especialização em Arte Sacra e Espaço Litúrgico, na PUC-RS. "Comecei a participar de encontros nacionais de arquitetura e arte sacra promovidos pela CNBB e despertei para esta questão, uma vez que nossa diocese abrange 31 municípios e 972 comunidades", informa.

ACERVOS

O Concílio Vaticano II e a

formação do acervo dos Capuchinhos



EXPOSIÇÃO

"O Sagrado na Fé: Arte Sacra" constituída por tabernáculos e peças sacras provenientes de igrejas reformadas a partir do Concílio Vaticano II

No pontificado de João XXIII, o Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965, envolveu bispos e cardeais de todo o mundo numa série de estudos e debates visando atualizar a Igreja aos hovos tempos. Os documentos que resultaram do Concílio trouxeram novas diretrizes em relação à liturgia da missa, a decoração, a construção de igrejas e capelas, entre outras coisas. Provocouse, assim, uma nova direção na arte sacra católica. Artisticamente, o sagrado passou a ter formas mais simples, linhas mais retas, e a celebração do mistério ficou um pouco mais acessível.

Na prática, muitos religiosos entenderam que, para se adaptar às novas formas do sagrado, deveriam desfazerse do antigo. O período pós conciliar foi marcado por uma rápida depredação da arte sacra da Igreja, que, quando não se desfez, relegou à sótãos e sacristias altares, retábulos, imagens, objetos litúrgicos e alfaias.

Nesse contexto, quase 15 anos após as devastadoras mudanças causadas pelo Concílio, o acervo do Mus-Cap começou a ser formado. Arlindo Itacir Battistel, Agemir Bavaresco, Wilson Dallagnol e Celso Bordignon, então estudantes de teologia, entusiasmados pela convivência com frei Rovílio Costa, grande pesquisador da história da Ordem, iniciaram a coleta dos acervos da Província, jogados em porões, sótãos, sacristias e bibliotecas desativadas, principalmente após a onda de reformas e revitalizações dos espaços sacros.

O acervo do Museu dos Capuchinhos é formado por obras de caráter museológico, documental e bibliográfico.

- Agrupados como Acervos Museológicos estão a imaginária sacra, o mobiliário sacro, os têxteis, os objetos litúrgicos e os objetos do cotidiano.
- O Acervo Documental reúne documentos, jornais, fotografias e discos.
- O Acervo Biblioteconômico é herdeiro das bibliotecas dos seminários, conventos e instituições capuchinhas.

ACERVOS

Museológico

Voltada ao sagrado, a arte popular conseguiu saídas criativas diante da carência de materiais e limitações dos artistas



Arte Sacra

O acervo de arte sacra do Museu dos Capuchinhos é formado de obras produzidas por artistas populares, para igrejas, conventos e seminários de todo o Estado. A Igreja Católica no período colonial cumpriu importante papel na formação da cultura regional, como irradiador de arte e cultura, grande parte da arte produzida neste período era voltada para o sagrado.

Esta coleção constitui importante legado material do catolicismo regional e demonstra a genialidade da arte popular, que adaptou a regra da Igreja aos materiais existentes na região. Os altares e retábulos confeccionados em madeira e pintados com técnicas de marmorização, tinham o objetivo de imitar o material nobre que as normas litúrgicas propunham. A pintura dourada nas volutas e ornamentos dos mobiliários substituiu as folhas de ouro, utilizadas em grandes centros e adquiridas a custos elevados. Os entalhes da imaginária, muitas vezes considerados grotesco, se comparados à apurada técnica que já era desenvolvida na Europa, demonstra o esforço do artista para produzir uma arte que o ligaria ao sagrado e revela as feições dos nativos e colonizadores.

OSTENSÓRI

Em filigrana e incrustações de pedras, ofertado pela comunidade do bairro Rio Branco e Metalúrgica Abramo Eberle para a capela N. Sra. da Conceição, Capuchinhos, em 1947





COREM 5ª Região PR/SC 001 J

SAGRADO

Ao lado e na contracapa, uma das mais importantes peças do MusCap. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (estátua de roca, é vestida para ser levada em procissão). Procedência: Garibaldi. À esquerda, exemplar de casula (veste litúrgica) e, à direita, estandarte em tecido pintado e bordado







TOALHA DE ALTAR Pintada com simbologia franciscana

O altar sofreu diversas modificações ao longo dos tempos. Seu formato dorsal, formando um conjunto de retábulos com nichos para os santos e a presença do tabernáculo (nome dado antigamente ao sacrário, lugar onde as hóstias consagradas são conservadas), foi utilizado desde o Concílio de Trento, no século XVI. O Missal Romano (contém textos e as instruções da missa) adaptado às línguas vernáculas após o Concílio Vaticano II, estabeleceu instruções que alteraram a liturgia da missa e

concomitantemente o uso e a estética do altar.

A missa, que até então era celebrada em latim e de costas, precisou inverter a posição do altar sobre a forma de mesa, trazendo-a mais próxima da assembleia, para que o celebrante pudesse ficar de frente para os fiéis. Dessa forma os retábulos não tinham mais onde ser apoiados. Muitas igrejas adaptaram o mobiliário existente à nova rubrica. Com isso, muitos retábulos foram retirados e altares serrados ao meio.





A Sala das Malas

A memória da presença dos freis capuchinhos na região de imigração italiana, bem como em outras partes do Estado, constitui uma dimensão importante do legado histórico e cultural regional. Cada vez que um frei morre, dele é guardada sua mala e dentro dela os objetos pessoais que ajudam a representar sua história.

A coleção "Sala das Malas" preserva as memórias individuais de cada frei que ajudou a construir a Província dos Frades Menores Capuchinhos do Rio Grande do Sul. Os primeiros freis vieram da França com o objetivo de trabalhar na pastoral dos imigrantes, mas, a Província só se expandiu e tomou as proporções que tem hoje, devido ao cultivo de vocações e formação de filhos de imigrantes. Peregrinos e forasteiros, o freis faziam votos de pobreza e obediência e tinham na mala – o único bem que poderiam levar consigo – a companheira de viagem para os caminhos que a vida religiosa lhe reservava.



PERTENCES

O hábito religioso, objetos litúrgicos e de uso pessoal e livro de orações compõem a mala do frei Bruno Fardo, falecido em 2001

Os livros de oração, o terço, as relíquias, o hábito e as sandálias, são objetos comuns em quase todas as malas. O restante dos objetos são guardados de acordo com as individualidades de cada frade: há instrumentos musicais, instrumentos de alfaiataria, objetos da cultura tradicionalista gaúcha como a cuia e o lenço, objetos de pescaria, roupa de bebê bordada à mão que passou por gerações da família desde os batizados que eram feitos na Itália, entre tantos outros objetos. Muito além da história da Ordem, a coleção "Sala das Malas" conta histórias de vida de homens, alguns deles não exerceram papéis de destaque dentro da Província e, não fossem as malas, sua história ficaria relegada ao esquecimento.





Malas dos freis Bernardino Vian (acima), Cosme Gradaschi (E) e Daniel Vian, que os acompanhavam quando eram transferidos de lugar

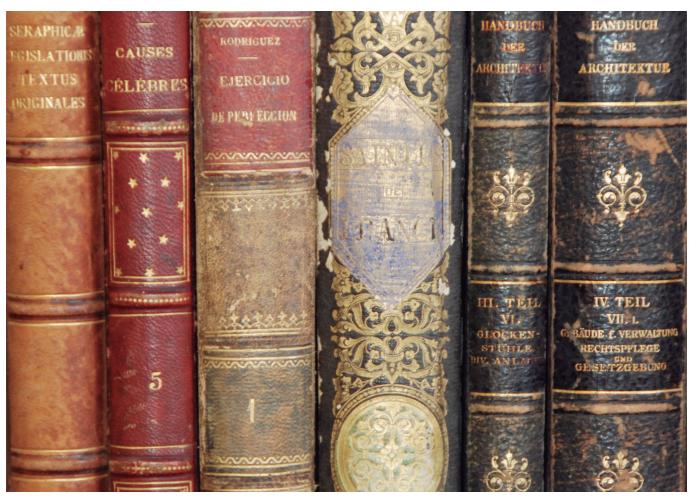




ACERVOS

Bibliográfico

A Biblioteca do Museu dos Capuchinhos divide-se em duas seções: Biblioteca Especializada e de Obras Raras



Biblioteca Especializada

Está instalada em uma sala 61,53 metros quadrados e abriga cerca de 25 mil títulos datados a partir de 1960. O acervo abriga obras das áreas de Teologia, Religião, História Regional, História da Arte, Museologia, Arqueologia, Restauração e as publicações da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos - OFMCap.

LIVROS Exemplares da Biblioteca de Obras Raras



Escrita em latim, proveniente da Biblioteca de Chambéry, na França, impressa em 1532. Está entre os livros mais antigos do MusCap

Biblioteca de Obras Raras

Ocupa 66,89 metros quadrados do museu e sua coleção é formada por aproximadamente 15 mil livros classificados como raros, do século XVI até o ano de 1960 no século XX, tais livros foram utilizados nos seminários e conventos da Província do Rio Grande do Sul. A maior parte dos livros da coleção de obras raras foi trazida pelos primeiros freis franceses que vieram implantar a Ordem no Estado a partir de 1896. Trata-se de uma coleção com importância nacional, que está cadastrada no Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras - PLANOR.

Salvando Livros

Os livros raros, feitos de matéria orgânica (papéis artesanais, capas de couro, colas de grude) atraem insetos xilófagos e têm o tempo como principal fator de degradação. Restaurar uma obra rara exige a utilização de materiais artesanais, mão de obra qualificada e experiente para garantir a preservação de suas características originais. Razão que torna o custo do restauro alto.

Para viabilizar a restauração de parte dos mais de três mil livros que estão em processo de degradação avançado, o MusCap já realizou duas edições do Projeto Salve um Livro. A primeira foi lançada em setembro de 2012, por meio de uma campanha publicitária, apoiada pela Rádio São Francisco Sat e o Jornal Correio Riograndense, que compartilhou com a comunidade a responsabilidade pela salvaguarda desse acervo. Dizia a campanha: "Eles vão morrer... se você não ajudar!"

Os 60 livros escolhidos para o primeiro catálogo foram salvos através de contribuições diretas na conta do projeto. Os salvadores ganharam ex-líbris com seus nomes na contracapa das obras. A segunda edição do projeto contou com o financiamento da Lei de Incentivo à Cultura Municipal, desta vez recebendo o patrocínio de empresas como a Faculdade da Serra Gaúcha, Rádio São Francisco, Empresas Randon e Agrale, somando aproximadamente R\$ 59 mil, captados por Ana Caravantes. O diferencial desta edição foi a digitalização dos livros, que pode ser acessado através do site www.muscap.org.br/salveumlivro

A empresa B&C Acervos, especializada em obras raras foi parceira do MusCap em ambos os projetos. Além de executar grande parte dos trabalhos, também capacitou os técnicos do museu, tornando-os aptos a executar trabalhos de restauro e encadernações.

Documental

A coleção reúne documentos, jornais, fotografias e discos pertencentes à Província do Sagrado Coração de Jesus

Os documentos produzidos pelas instituições capuchinhas e aqueles acumulados individualmente pelos frades são importantes testemunhos da história e da memória da Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul. O Arquivo Documental do Museu dos Capuchinhos coleta, conserva e divulga esse importante acervo, estando aberto à pesquisadores e interessados.

A coleção é proveniente de fraternidades, casas de formação, seminários, entre outros, pertencentes à Província do Sagrado Coração de Jesus. Registrando a atuação e os trabalhos desenvolvidos em algumas cidades do Rio Grande do Sul e em outros estados do Brasil, como também nas missões estrangeiras.

O Acervo Documental é formado por diferentes tipos de documentos, textuais e iconográficos, manuscritos, datiloscritos ou impressos, como: cartas, folhetos, livros tombo, plantas e projetos arquitetônicos, mapas, textos, diários, jornais, santinhos, cartões postais, entre outros. E também pelo Acervo Fotográfico integrado por fotografias (em papel e digital), álbuns fotográfi-

cos, negativos e slides.

Integra ainda o acervo a coleção do Jornal Correio Riograndense, desde a primeira edição publicada em 13 de fevereiro de 1909, e do Jornal de Caxias do período de 1973 a 1989, que possuem todas as edições digitalizadas e disponíveis para consulta local e online no site do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul.

Essas coleções foram digitalizadas num projeto que foi concluído em 2014, em conjunto com o Arquivo Histórico João Spadari Adami, o Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul e a Associação Literária São Boaventura, mantenedora do MusCap.





DOCUMENTOS RAROS

Santinho de São Francisco de Assis, impresso em Paris. À esquerda, Diário do Frei Bruno de Gillonnay, escrito em francês, entre 1896 a 1904, com dados estatísticos referentes à Missão



Registro dos falecidos freis Ambrósio Tondelo (sentado) e Alberto Stawinski, no final dos anos 1970, na então biblioteca do Convento Imaculada Conceição de Caxias do Sul



A horticultura sempre esteve presente nos conventos Capuchinhos. A horta dos freis de Ijuí (RS) é um bom exemplo

Banco de História Oral

O MusCap juntamente com a Província Sagrado Coração de Jesus desenvolve, desde 2011, um projeto que tem como objetivo formar um Banco de História Oral. Elaborado e executado por frades e pós-noviços o projeto é intitulado Resgate da Memória e Contribuição dos Frades Octogenários na História da Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul, e tem como objetivos: valorizar o trabalho e as iniciativas dos frades no decurso da história; resgatar aspectos históricos que não foram registrados pelos documentos oficiais; ver a história a partir de quem fez e não somente a partir de quem escreveu os registros oficiais e preservar a memória dos frades.

Até o momento 36 frades foram entrevistados, gerando aproximadamente 30 horas de entrevistas gravadas. São eles:

Frei Adelino Gabriel Piloneto Frei Alcides Armiliato

Frei Amadeu Semin

Frei Amâncio Macagnan

Frei Antônio Collet

Frei Antônio de Lorenzi Canever

Frei Arcanjo Panison

Frei Arnaldo Dotti

Frei Avelino Bordignon

Frei Celeste José Conte

Dom Frei Clóvis Frainer

Frei Donato Pegoraro

Frei Dorvalino Sorgatto

Frei Durval Muraro

Frei Firmino Battistella

Frei Hermínio Bordignon

Frei Honorato Simionato

Frei Jaime Biazus

Frei Jenésio Pereira da Silva

Frei Luciano Giasson

Frei Miguel Antônio Morandi

Frei Nestor Ferronato

Dom Frei Orlando Dotti

Dom Frei Osório Bebber

Frei Patrício Zandoná

Frei Raul Suzin

Frei Reinaldo Bernardi

Frei Renato Zanolla

Frei René Onzi

Frei Silvio Aurélio Armiliato

Frei Sylvio Giocondo Dall'Agnol

Frei Terenciano Rigo

Frei Tomé Michelin

Frei Vicente Pasinatto

Frei Victório de Carli

Frei Zeferino Rossetti





ENTREVISTA

Museu: a história preservada, escrita e reescrita



O encontro entre o diretor do Museu dos Capuchinhos, frei Celso Bordignon, e o artista plástico, Juventino Dal Bó, foi repleto de memórias museais. Eles lembraram o início do MusCap, quando na ocasião, Juventino exercia a função de diretor do Museu Municipal de Caxias do Sul e foi chamado pelo frei para auxiliar na concepção do museu.

Além de criar parâmetros museológi-

cos para a nova instituição, a dupla também definiu os espaços que seriam necessários ao museu, orientando a reforma da edificação que até então era ocupada pela Gráfica e Editora São Miguel e o jornal Correio Riograndense. O bate-papo avançou para a importância de preservar os acervos, bem como a necessidade de escrever e reescrever a história que envolve as obras e seus personagens.

DIÁLOGO

Frei Celso Bordignon (E)
e Juventino Dal Bó
relembram o início do
MusCap e conversam
sobre o presente e o
futuro da atividade
museológica

Frei Celso, qual o papel do Juventino Dal Bó na implantação do Museu dos Capuchinhos?

Frei Celso: Um pouco antes de iniciarem as reformas da edificação do MusCap eu me vi responsável por inaugurar o museu, então resolvi procurar apoio técnico. Recém-chegado da Itália onde fiz incursões na conservação e no restauro, pouco entendia sobre a parte técnica dos museus. Já conhecia o Juventino Dal Bó e o trabalho dele no Museu Municipal. Elaboramos um escopo do que hoje entendo que foi o Projeto Museológico, onde elencamos as principais atividades a serem realizadas pelo museu e definimos as diretrizes orientadoras. A forma de catalogar o acervo, nesse primeiro momento, foi baseada no trabalho realizando por ele no Museu Municipal. Claro que mudamos bastante a forma de trabalhar, até porque a própria museologia avançou com o Plano Museológico, hoje temos técnicos no corpo de pessoal da instituição como museólogo, historiador, educador, entre outros. Hoje vejo que o MusCap iniciou muito bem, tendo como norte a experiência museológica de pessoas com bagagem na área.



"A minha missa é aqui. Minha missão é essa!"

Frei Celso

Como foi a adaptação do espaço para abrigar o Museu dos Capuchinhos?

Frei Celso: Com a reestruturação do prédio pensou-se em criar espaços essenciais para o museu, que já tinha as atividades museológicas bem definidas. A conservação e o restauro deram a tônica do trabalho nos primeiros anos do MusCap, mesmo por conta da minha formação como conservador e restaurador. Planejamos áreas de reserva técnica e um amplo laboratório. Os espaços de guarda foram planejados para abrigar coleções e suportes específicos que necessitam de diferentes condições de acondicionamento. Temos uma ampla reserva técnica para os objetos tridimensionais, ainda sim setorizada em coleções e salas para a guarda do acervo bibliográfico, documental, fotográfico e audiovisual. Acertamos nesse primeiro projeto em reservar boa parcela do espaço arquitetônico para o acervo. Porém, novas necessidades vêm surgindo como o espaço que foi designado para a área de circulação do público. Sentimos falta de uma sala de exposições de longa duração e outra para ação educativa.

Juventino: Pelo espaço que tinha aqui, foi muito bem pensado. Na época não reservamos um espaço para exposições de longa duração porque as exposições temporárias serviam para mostrar à comunidade o acervo que o museu possuía, esse era o diferencial deste local. Pode ser que no futuro o museu tenha

um espaço para uma exposição de longa duração.

Frei Celso: Hoje podemos pensar em redimensionar os espaços do museu devido às novas tecnologias para a área museológica. Já temos um projeto que prevê a diminuição do espaço da reserva técnica, com a utilização de mobiliários compactantes. Será possível ganhar espaço para implantar a exposição de longa duração.



O protagonista do museu é o acervo, é a peça.

Juventino

Como está este projeto?

Frei Celso: Ele foi aprovado pela Lei Rouanet e além de prever a reestruturação da reserva técnica e criação da sala de exposições de longa duração, incluímos a instalação de um elevador, prevendo a acessibilidade. Porém, estamos com dificuldade na captação dos recursos, pois, conseguimos até agora apenas 9% do valor aprovado e temos até agosto de 2016 para captar o restante e executar. Às vezes a gente quer dar os passos um pouco maior do que as pernas. Se tivéssemos feito o projeto com valor menor, dividindo-o em etapas, estaríamos executando a primeira etapa nesse momento. Mas tudo é aprendizado, foi a primeira vez que trabalhamos com um projeto destas proporções.

Juventino: O museu a gente constrói sempre. Eu sempre digo que museu pronto é museu morto, tem que ficar construindo, em constante mudança. Vocês fizeram e continuam fazendo o mais importante, que é recolher o acervo. O protagonista do museu é o acervo, é a peça.

Como foi iniciada a coleta do acervo?

Frei Celso: Começamos a coletar o acervo e falar de museu com o frei Rovílio Costa em 1980. Eu era pós-noviço e estava no 2º ano de Teologia, em Porto Alegre. O Moacir Flores, historiador que na época trabalhava no Museu Antropológico do Rio Grande do Sul disse que deveríamos começar a recolher as peças que estavam se perdendo e nos ajudou a fazer um projeto para institucionalizar a coleta na Província. Eu não sabia nada de museu. O Rovílio entendia de pesquisa e história. Então começamos a nos informar e fizemos do jeito que a gente era capaz de fazer. Preenchíamos um livro tombo com informações sobre a peça e fazíamos a marcação. Hoje a peça tem o local certo de ser marcada, de forma discreta com materiais reversíveis. Mas nesse primeiro momento escrevíamos o número bem grande, com tinta branca, achámos que precisava ficar bem visível. (risos) E coletamos muitas peças que haviam sido deixadas de lado em igrejas, conventos, seminários e outras instituições da Província.

ENTREVISTA

Quando se pensou em fazer desta coleção um Museu institucionalizado?

Frei Celso: Foi em 1996, quando eu estava para retornar à Itália.

Juventino: Nesse período eu era diretor do Museu Municipal. Mas acho que o que foi tratado naquele período aconteceu praticamente tudo e até superou, porque foi montada uma equipe e o museu caminhou bastante pela direção da restauração.

Qual o papel da restauração no contexto do MusCap?

Frei Celso: No início, tínhamos uma boa estrutura com laboratório de restauro, sala de encadernação, atelier de cursos. Porém, não tínhamos dinheiro para manter o museu, então resolvemos realizar restauros para terceiros, como forma de arrecadar recursos. Eu acho que isso deu visibilidade para o museu, embora não fosse a atividade primeira. Hoje não precisamos mais realizar trabalhos para terceiros, todos os nossos técnicos trabalham prioritariamente nas atividades do museu.

Como é mantido atualmente?

Frei Celso: O museu só começou a trabalhar com orçamento há uns quatro anos. Hoje temos uma verba mensal, destinada pela Província dos Capuchinhos, para administrar o pagamento dos funcionários, manutenção, montagem das exposições e ações educativas. Outra forma de financiamento são os projetos de leis de incentivo que estamos trabalhando desde 2013, já executamos três projetos.

Juventino: O Museu dos Capuchinhos é privado, não precisaria abrir ao público, manter atividades educativas. Isso é diferente de um museu municipal, por exemplo, que tem obrigação de proporcionar que a população reflita ali dentro. O grande mérito dos Capuchinhos foi que realizaram este museu, que é praticamente mantido com orçamento privado. Claro que necessitou de uma pessoa para encabeçá-lo, como o frei Celso que tinha formação e já havia visitado muitos museus na Europa.

O que torna uma peça importante para que faça parte do acervo?

Frei Celso: É uma questão muito difícil de responder. Hoje temos o esboço de uma política de aquisição, onde tentamos definir os requisitos que uma obra ou documento precisam preencher para serem incorporados ao acervo. Além de questões estilísticas, o fator histórico é muito importante. É fundamental documentar o objeto. Se não tiver essa documentação que diz que aquele objeto é importante não adianta ele estar ali. A minha preocupação com o acervo é a conservação, não adianta só recolher e deixar mal acondicionado, mal documentado. Se a peça está no museu precisa ter um significado.

Juventino: Transformar um objeto comum numa peça

de patrimônio de uma comunidade ou de um lugar, é esse o movimento que o museu tem que fazer. Tirar uma peça que não tem valor nenhum, que achou no lixo, estava abandonada num porão ou num sótão de uma casa e essa peça vira uma protagonista, vira uma testemunha, vira um documento de uma época. Mas tem que ter um histórico. Para ter o histórico precisa ter gente que pesquise, gente que elabore o histórico e que conserve tudo, restaure e limpe essa peça constantemente, além de um local apropriado para acondicionar. Não adianta ter muita peça se deixar tudo num porão úmido.





"Tem que ter esse olhar sensível para resgatar a história, reescrever ou escrever o que não foi escrito"

Frei Celso

Qual a diferença do MusCap em comparação com outros museus?

Juventino: O Museu dos Capuchinhos tem o museu, um arquivo histórico e biblioteca. Este formato requer mais conhecimento das pessoas que trabalham neste acervo.

Frei Celso: Temos uma característica muito peculiar de preservar as histórias individuais, na coleção que chamamos de Sala das Malas. Decidimos guardar e preservar a individualidade de cada frei, colocando o que mais os identificava dentro de uma mala que era dele e guardar em uma sala. Hoje as malas já não estão mais em uma sala fechada, mas o nome da coleção permaneceu.

Quais os outros projetos do museu que preservam essa individualidade?

Frei Celso: Tem o projeto de história oral. Estamos entrevistando os freis com mais de 80 anos. Eles concedem a entrevista a partir de um roteiro pré-estruturado. Depois as entrevistas são transcritas e preservamos em meio digital a gravação. Pretendemos fazer outro projeto voltado para a história de vida dos moradores mais antigos do bairro Rio Branco. Tem uma senhora de 104 anos que mora aqui desde que começou o bairro, conhece tudo e é super lúcida. Os moradores antigos vão falar de como surgiu o bairro, a igreja dos Capuchinhos...O desenvolvimento

deste projeto terá inclusive pessoas da própria comunidade para nos auxiliar.

Juventino: É uma forma de vocês estarem muito bem integrados com a comunidade.

Qual a principal demanda de estrutura do museu?

Frei Celso: Precisamos de uma sala multiuso onde possamos realizar as palestras, cursos teóricos e outras atividades elaboradas pelo Programa Educativo. Pretendo reoganizar o meu atelier particular, quero transformá-lo numa grande sala para palestras e cursos. Mas nós temos mania de juntar coisas, não é Juventino? (risos)

Juventino: Eu mais do que tu. (risos) A gente sai do museu, mas o museu não sai da gente. (risos)

Qual a principal característica deve ter quem trabalha em um museu?

Juventino: É ter um olhar agudo sobre a história daquela comunidade. É ver o que é significativo para que as pessoas que visitam aquela exposição e vêem aquele objeto, captem o sentido dele e a história daquela comunidade. Pessoalmente, é pelo *design* do objeto, pela forma e pela engenhosidade que a autora inseriu naquela peça. E também eu acho que preservar os objetos do passado é um respeito que a gente tem por quem nos precedeu. O Museu dos Capuchinhos revela o respeito que a Ordem dedica a quem atuou nela em algum momento.

Frei Celso: Quem trabalha num museu tem que ter acima de tudo paixão pela história e a paixão de recuperar e contar a história dos personagens.

Como selecionar a história que se deve preservar?

Juventino: Nós temos a felicidade de ter vivido num período em que se começou a dar importância ao corriqueiro, ao cotidiano. Antigamente, só as coisas oficiais eram "importantes". A minha formação como professor me ajudou muito nisso, me identificava com a escola francesa, que é a escola de Fernand Braudel e de historiadores desta linha, que dizem que a história tem que dar importância a todas as coisas para poder escrevê -la. Braudel ajudou na fundação da Universidade de São Paulo – USP e diz que a "história se faz até com os tijolos, com as telhas, com as ferramentas, com as coisas corriqueiras, o cotidiano, o dia-a-dia". Preservamos para deixar material, testemunho e documento para quem vem no futuro. Eles vão ver tudo isso com outro olhar. Cada época lê a história conforme os interesses daquela época.

Frei Celso: Vamos dar um exemplo bem claro. O que os iluministas, filósofos e estudiosos falaram da Idade Média? Idade das Trevas. Hoje esse pensamento caiu por terra porque temos outro olhar sobre a Idade Média, muito mais abrangente.





"(...) preservar os objetos do passado é um respeito que a gente tem a quem nos precedeu. O Museu dos Capuchinhos revela o respeito que a Ordem dedica a quem atuou nela em algum momento"

Juventino

Juventino: Hoje se sabe que a história é essa continuidade que se tu olhares com atenção e tiver documentos para ler aquele período vai perceber que todos são importantes e ensinam.

Frei Celso: Todos eles têm suas trevas e suas luzes.

Juventino: Por isso que eu acho que guardar objetos corriqueiros e sem importância é muito interessante porque vai fazer com que os historiadores no futuro possam ler alguns aspectos que não se imagina hoje. Há 50 ou 60 anos atrás não se imaginava que seria escrita a história do gesto ou dos sentimentos. É a história esmigalhada, mas tem que saber extrair as linhas importantes.

Qual a contribuição dos museus para a educação?

Juventino: Todos eles não são explorados como poderiam pela educação. O professor de matemática, por exemplo, acha que não tem nada a ver com o ambiente do museu. Porém, todas as disciplinas poderiam encontrar temas específicos de suas áreas para trabalhar visitando estes espaços, para isso basta terem imaginação. Falta aos professores criarem essa cultura, porque para as crianças sair uma vez por ano para visitar o museu não significa quase nada. Se existem 10 museus numa cidade é importante levá-las cinco ou seis vezes durante o ano.

Frei Celso: O museu é um espaço de educação não formal muito potente. Acho que a parceria com a escolas podem e devem acontecer, pois é muito importante para a formação de público. Mas essa parceria pode ir além da formação básica. O curso superior de Moda e Estilo, dando um exemplo, poderia visitar constantemente o MusCap para ver os tecidos, as rendas as formas e textura do nosso acervo têxtil. Do mesmo modo os cursos de formação em outras áreas do conhecimento.

Ações Educativas





VISITAÇÃO

Abertura da Exposição "Livros: Tradição e Subversão" (18.11.2015). Acima, alunos de Educação Infantil, em ação educativa durante a Primavera de Museus (setembro de 2015)

Museu abre as portas para a comunidade

O MusCap desenvolve ações educativas com objetivo de aproximar o museu do público através de oficinas, visitas mediadas, palestras e formações. O espaço iniciou suas atividades educativas em 2012, com as atividades "Detetives no Museu" e "Férias no MusCap". Aos poucos, mais ações foram sendo implementadas, gerando a cada ano um maior número de visitantes às exposições.

Atualmente, as visitas educativas são mediadas com base em propostas de leitura de imagens, elaboradas com o intuito de oportunizar a fruição e a compreensão das obras expostas. A intenção é desenvolver cada vez mais ações que dialoguem com diferentes públicos, para que esses visitantes não apenas sejam expectadores mas também conheçam, compreendam e façam parte do processo de construção cultural do MusCap.

Durante o processo de planejamento do trabalho educativo foram realizadas diversas ações, tais como:

Dialogarte: como o próprio nome sugere é um mo-

mento para dialogar sobre arte. Compreendem encontros com educadores, teóricos, especialistas e ou artistas, com encontros temáticos. O diálogo se dá no formato de conversa, entre o público e o convidado e acontece de acordo com a agenda anual do MusCap.

Férias no MusCap: proposta semestral que oferece diferentes atividades para crianças e adolescentes das Casas de Acolhimento e Casas Família de Caxias do Sul e para a comunidade em geral. Pensada para receber o público escolar no período de férias, é também uma oportunidade deste público conhecer o museu e participar de atividades de criação e conservação.

Edição julho\2012 - Brincando no MusCap: jogos e brincadeiras voltados para a exposição Capelinhas: Memória e Fé;

Edição janeiro\2013 - Oficinas de confecção de papel artesanal;

Edição julho\2013 – Uma Tarde no Museu: atividade vol-

tada para a sensibilização com o acervo de vinil - manuseio, audição e conservação.

Detetives no Museu: proposta de atividade para grupos escolares que tem como objetivo fomentar o aprendizado e a pesquisa através de forma lúdica, desenvolvida durante a visita à exposição.

Os Bonecos vão ao Museu: atividade elaborada para grupos de crianças entre três e cinco anos, que são recepcionados por bonecos. A história de São Francisco de Assis é contada e depois as crianças fazem uma visita tátil a exposição em cartaz.

Mini-Oficina de conservação de fotos de família: a atividade foi oferecida para as turmas do Projeto "Onde estou?" do Instituto Bruno Segalla, que em parceria com o MusCap, atenderam diversas escolas. A atividade complementar após a visita à exposição teve o objetivo de despertar o olhar e o interesse da criança para a fotografia de família e ensinar técnicas de preservação e acondicionamento.

Primavera de Museus: é elaborada anualmente no início da estação harmônica, com base na proposta e tema escolhido pelo Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM. A partir da proposta da instituição o MusCap organiza suas ações para divulgação e aproximação do museu com a sociedade.

Semana de Museus: é uma temporada cultural coordenada pelo IBRAM e acontece anualmente em comemoração ao Dia Internacional dos Museus (18 de maio). A cada ano o Conselho Internacional de Museus - ICOM, lança um tema diferente que orienta as ações do MusCap, que assim como a Primavera de Museus, são programadas para divulgar e aproximar o museu cada vez mais da sociedade.

Oficinas e atividades educativas com grupos agendados: com o objetivo de democratizar e qualificar o acesso aos bens culturais, o museu oferece visitação para grupos agendados que são acompanhados por mediadores capacitados. As visitas são adequadas a cada faixa etária e perfil do grupo. Podem ser desenvolvidas ações práticas com a intenção de tornar concretos conceitos abordados durante a visita.

Oficina de conservação e restauro: O Museu dos Capuchinhos tem um calendário anual de Oficinas de Conservação e Restauro de Bens Culturais (papéis, gesso, fotografias, telas, entre outros). As oficinas são voltadas para estudantes, trabalhadores de museus e profissionais da área. A cada oficina o MusCap oferece uma bolsa integral para um museu da Região. A atividade soma mais de 60 participantes até o momento.



CRIATIVIDADE Alunos do Projeto Desenhando Trajetórias, no pátio do Convento Imaculada Conceição, em 2013

Projeto Desenhando Trajetórias

Financiado através do Edital 02/2012 de Fundo Procultura do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, o Projeto tem como objetivo a aproximação de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e pessoal com a arte do Graffiti e com a Arte Sacra. Em parceria com a Legião Franciscana de Assistência aos Necessitados - Lefan, entidade socioassistencial dos Capuchinhos, foram oferecidas aulas de graffiti para 30 crianças. As experiências vivenciadas durante o projeto contribuíram para a o desenvolvimento artístico, fazendo com que cada participante desenhe uma nova trajetória de vida. O resultado do projeto pode ser visto na intervenção feita na fachada do MusCap, na qual alunos e professores imprimiram a própria perspectiva sobre São Francisco de Assis.

Exposições



MOSTRA COLETIVA

Reuniu diferentes obras de artistas locais e acervos do Museu dos Capuchinhos e de frei Moacir P. Molon

Entre o Sol e a Lua:

Traduções Iconográficas Franciscanas

O Museu dos Capuchinhos realizou no período de maio a setembro de 2015 a exposição *Entre o Sol e a Lua: Traduções Iconográficas Franciscanas*, apresentando a imagem carismática e simbólica de São Francisco de Assis, bem com a figura de Santa Clara, não menos importante no contexto da mística franciscana. Com a curadoria assinada por Silvana Boone, a exposição trouxe pela primeira vez ao MusCapuma mostra coletiva de artistas locais que dialogaram com obras históricas do acervo.



OBRAS DE ARTE

São Francisco de Assis (óleo sobre tela, de G. Chaves), um dos destaques da mostra, com a escultura em bronze do artista caxiense Breno Nora

Núcleo 1: Acervo histórico do MusCap e coleções

Foram expostas 17 obras do acervo, entre pinturas e esculturas, retratando a iconografia franciscana. As peças com valor histórico e religioso, fizeram parte do recorte simbólico proposto pela curadoria. Neste núcleo esteve presente também uma parte da coleção estatuária franciscana, com 14 esculturas pertencentes ao frei Moacir P. Molon.

Núcleo 2: Diálogos artísticos

Consistiu do diálogo entre artistas locais e a iconografia franciscana, traduzida através de diferentes linguagens: desenho, pintura, escultura, gravura, fotografia e vídeo, somando 27 obras.

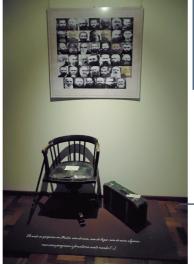
Para a exposição foram convidados 10 artistas caxienses, desafiados a interpretar a iconografia franciscana e representá-la nos seus processos criativos: Antonio Giacomin, Beatriz Balen Susin, Bruno Leonardelli, Frei Celso Bordignon, Celso Tissot, Charles Segat, Janete Kriger e Lissandro Stallivieri, Rafael Dambros e Vivi Pasqual. Em conjunto ao grupo convidado, foram selecionadas obras de seis artistas já pertencentes ao acervo do MusCap que, da mesma forma, em momentos anteriores, dialogaram com a temática da exposição: Breno Nora (in memorian), Leonor Aguzzoli, Rita Brugger, Rogério Baierle e Frei Jeronimo Bormida. De forma inédita, a exposição teve o Projeto Luminotécnico assinado pelos alunos da Oficina de Iluminação de Museus, realizada no MusCap, sob a orientação do arquiteto e professor Fábio Alexandre Cescon.

O Programa Educativo contabilizou cerca de dois mil visitantes na mostra, entre grupos agendados e público espontâneo.









Exposições realizadas

2000

 Exposição de Inauguração do Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul

2001

- Mostra-retrospectiva em memória do Artista Plástico Caxiense Alfredo Bedin
- Presépios e Iconografias do Natal

2002

- Artesanato e Objetos do Cotidiano dos Freis Capuchinhos
- Mostra Retrospectiva 50 Anos da Editora São Miguel

2003

Iconografia Religiosa

2004 - 2005

- Mostra de Acervos Variados: Iconografia Religiosa, livros, objetos litúrgicos, Iconografias da Páscoa e maquetes.
- Iconografia Franciscana

2006

- Religiosidade e Simbologia Católica
- Exposição de Presépios

2007

• Livros e Manuscritos: Ação do Homem e do Tempo

2008

- Pínagues Mostra da Pinacoteca do MusCap
- Nativitas Olhares sobre o Natal

2009

Correio Riograndense Um Século de Informação

2010

- Exposição Transitória A Trajetória e suas faces
- Frei Rovílio Herança Cultural Viva
- MusCap: 10 Anos Cuidando da Memória

2012

Capelinhas Memória e Fé

2013

- O Sagrado na Fé: Arte Sacra anterior ao Concílio Vaticano II
- O Tempo e a Vida dos Frades Capuchinhos

2015

- Entre o Sol e a Lua: Traduções Iconográficas Franciscanas
- Livros: Tradição e Subversão

Organograma

Estrutura funcional do MusCap

DIREÇÃO

Aprova o Plano Plurianual, o Plano Museológico, o Orçamento e os Projetos realizados pelo Museu. Dá suporte à coordenação museológica e representa a instituição em suas relações externas.

COMISSÃO DE ACERVOS

Formada pelo secretário provincial, um representante do Conselho de Economia e um representante da Formação. Delibera e dá suporte nas questões relativas à aquisição e descarte de acervos.

PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES

Responsável pela elaboração de projetos museográficos a partir do acervo do museu. Dá suporte ao trabalho de curadoria, cenografia e iluminação quando terceirizados. Coordena e acompanha a montagem de exposições com acervos externos.

PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO E PESOUISA

Responsável pela gestão documental dos acervos. Realiza pesquisas para processos de catalogação avançados e exposições.

COORDENAÇÃO MUSEOLÓGICA

Planeja e orienta as atividades dos Programas pautadas em normativas museológica atuais. Elabora e coordena a execução de projetos de captação de recursos.

PROGRAMA EDUCATIVO E DE DIFUSÃO

Responsável pela elaboração e execução de ações educativas ligadas às exposições e por atividades de difusão e formação.

PROGRAMA DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Responsável pela conservação preventiva e intervenções nos acervos, bem como pela documentação desses processos. Monitora as áreas de guarda e exposição e solicita a manutenção predial.

Funcionários

Quem faz o museu

Adriana Gheno: formada em magistério, trabalhou 22 anos nas escolas mantidas pelos Capuchinhos. Está no MusCap há quase dois anos e atua no Programa Educativo e de Difusão com a mediação de grupos. No Programa de Documentação e Pesquisa realiza o importante trabalho de digitalização e inserção das fotografias no banco de dados.

Camila Taufer Batista: forma-se este ano no curso de Tecnólogo em Conservação e Restauro da FTSG de Caxias do Sul. Atua como conservadora no Programa de Conservação e Restauro e apoia o Programa de Exposições durante as montagens e desmontagens das mostras. Camila foi contratada pelo MusCap há um ano e iniciou sua formação como conservadora participando das oficinas promovidas pelo MusCap antes mesmo de tornar-se funcionária.

Floreci Santa Catharina: é a funcionária mais antiga, com 10 anos de casa. Desde o início de seu trabalho atua no Programa de Documentação e Pesquisa sendo responsável pelo acervo bibliográfico, em função da experiência que adquiriu ao longo dos anos trabalhando com bibliotecários e conservadores. Há pouco tempo descobriu-se também educadora e hoje atua no Programa Educativo e de Difusão com mediação de grupos.

Giovani Modena: é aluno da licenciatura em História da Universidade de Caxias do Sul e passará para o segundo semestre de estágio remunerado no Museu dos Capuchinhos. Como estagiário circulou por todos os programas para aprender, mas é no Programa de Documentação e Pesquisa que tem dado sua maior contribuição, prestando apoio na catalogação do acervo museológico.

Matheus Telles de Oliveira: é contratado há oito anos pelo Programa de Inclusão desenvolvido nas instituições capuchinhas. Desde 2014 no MusCap, têm aprendido a realizar a conservação preventiva de acervos, atuando na higienização periódica dos livros dentro do Programa de Conservação e Restauro.

Mirella de Jesus Honorato: é museóloga graduada pelo UNIBAVE de Orleans/SC e mestre em turismo pela Universidade de Caxias do Sul. Desde 2012 no MusCap, é responsável pela coordenação museológica acompanhando o trabalho de todos os programas. Nestes anos de museu aprendeu na prática a elaborar e gerir projetos de captação de recursos. No Programa de Exposições elabora e gerencia os projetos museográficos.

Susiele Alves Ramos: é historiadora formada pela Universidade de Caxias do Sul e funcionária do MusCap desde 2012. Responsável pelo Programa de Documentação e Pesquisa, na gestão documental de todas as coleções, acompanha ainda os trabalhos executados por estagiários e voluntários. Atua no Programa de Conservação e Restauro realizando o acondicionamento dos acervos nas reservas técnicas.

Também atuam no MusCap

Dangle Júlio Marini: arquiteto, elabora projetos pontuais de forma terceirizada, como a modernização da reserva técnica, acessibilidade e o Programa Arquitetônico

do Plano Museológico.

Evanir Bueno dos
Santos: há dois anos
é responsável pelos
serviços gerais. Além da
limpeza dos ambientes
auxilia na conservação
preventiva dos acervos.
Aplica soluções naturais
para o combate a insetos
xilófagos em pisos e
móveis e monitora a
presença deles através
dos vestígios.

Graziela dos Reis:

arte-educadora, presta assessoria nos projetos do Programa Educativo e de Difusão, atuando principalmente na capacitação dos educadores.

Paulo Vanderlei Braga: é funcionário da mantenedora do museu, sendo responsável pela manutenção predial e ajuda na montagem de exposições.

Rafael Minuzzo da Silva: técnico em informática, atua como analista de suporte técnico.



Artigos nacionais e importados para arte, artesanato e arquitetura.



Rua Tronca, 2086 | Caxias do Sul | (54) 3025.4509

Livro e Arte



- ✓ Centro de conservação-restauração de livros e documentos.
- √ Consultoria e acompanhamento técnico de acervos.
- Cursos de conservação-restauração de bens culturais com suporte em papel, couro e pergaminho.

Porto Alegre - RS (51) 3348.4608 livroearte@terra.com.br

Voluntários

Dedicação semanal

O Museu dos Capuchinhos conta com importante trabalho de voluntários que auxiliam nas tarefas de higienização, acondicionamento e catalogação dos acervos. O programa de voluntariado, que hoje conta com oito pessoas, funciona há mais de 10 anos é aberto à participação de toda comunidade.

Cercada de arte

Uma das primeiras pessoas que colocou-se à disposição para ser voluntária no MusCap foi Maria Alberti Cesa, 76 anos, que desde 2009 dedica-se a identificar as peças têxteis do acervo e descrevê-las em uma ficha de controle. Maria é aposentada e atuava como professora da área de Artes. Quando fez uma aula de pintura com o diretor do museu, frei Celso Bordignon, foi convidada por ele para ser voluntária. "Eu me sinto bem aqui, somos um grupo que vive em harmonia e aprendemos muito uma com a outra. Além do mais, eu estou cercada de arte", salienta.



O dom da costura

Quando ingressou no grupo em 2011, **Zélia Maria De Nardi**, 78 anos, a dinâmica dona de casa, mãe de dois filhos, formada em direito, piano, autora de trovas literárias entre outros dons, logo percebeu que as voluntárias precisavam agilizar o processo manual de confecção dos saches de TNT, enchidos com ervas para a conservação preventiva do acervo. "Eu pedi para o frei Celso se não tinha uma máquina de costura. Ele conseguiu uma e eu passei a costurar os saches, aumentando de 50 para 150 unidades por tarde". Além dos saches, atualmente, dona Zélia costura as embalagens que envolvem as malas dos freis falecidos.

Descrição

Convidada pela irmã, que também é voluntária, **Maria Joana Spiandorello Gaio**, 56 anos, professora de educação física aposentada, encontrou no trabalho voluntário do museu a possibilidade de manter uma de suas paixões – a escrita. "Iniciei em 2011 e dentre todas as funções que desenvolvo aqui, a que eu mais gosto é de descrever as vestimentas na ficha de controle das peças", confidencia.

O sache é utilizado para conter as traças e brocas que ameaçam o acervo. Contém: loro, alecrim, pimenta preta e cravo



Lembrado com carinho

Frei Vicente Pasinatto, falecido em 2014 aos 81 anos, dedicou os três últimos de sua vida na organização, acondicionando e tradução de documentos do acervo em diversos idiomas como francês, latim, italiano, espanhol, entre outros. Os colegas o descrevem como uma pessoa carinhosa, humilde, silenciosa, meiga, terna. Com sua dedicação deixou uma significativa contribuição para o museu.

Voluntários do museu

Cleudes Brostolin Castagna: acondicionamento do acervo tridimensional

Frei Eusídio Félix Deon: organização do acervo de documentos

Idalci José Fontana: organização, higienização e acondicionamento do acervo de documentos

Lélia Maria Spiandorello Menegon: elaboração das fichas de catalogação dos acervos têxteis

Maria Alberti Cesa: dedica-se a identificar as peças têxteis do acervo e descrevê-las para a ficha catalográfica

Maria Joana Spiandorello Gaio: conservação do acervo - higienização dos acervos têxteis e confecção de sachês com ervas, para conservação preventiva do acervo

Neudes Maria Fagherazzi: higienização e acondicionamento do acervo de documentos

Zélia Maria De Nardi: agiliza o processo manual de confecção dos sachês de ervas, que são utilizados como prevenção contra taças e costura as embalagens que servem de invólucro primário para as malas dos freis falecidos



